



## **Singrando no mar da web: Internet, cultura escrita e educação**

Robson Fonseca Simões

*Navegar é preciso, viver não é preciso [...].*

Fernando Pessoa

Em uma tentativa de refletir sobre as tecnologias digitais e seus diálogos com a Educação, este texto procura convidar o leitor a um possível mergulho nas águas dos litorais digitais. No esforço de ampliar esse debate, pesquisadores brasileiros e estrangeiros, a partir de várias leituras, vêm se debruçando sobre os discursos da web, investigando seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular. Ora, a discussão sobre as escritas digitais desperta a necessidade de estabelecer um diálogo com outros autores, estimulando, assim, um possível esgarçamento das fronteiras do conhecimento, o que se possibilitaria livre trânsito pelos saberes, logrando alcançar um horizonte sem limites, de extensão indefinida para tentar compreender esse tema.

Meu porto de partida será minha tese de doutorado<sup>1</sup>, que me permitiu refletir sobre as *escritas de si* nas redes sociais virtuais como fontes efêmeras para a historiografia da Educação. Desse modo, a epígrafe do autor português, como em um vaticínio épico, convidou-me a embarcar rumo aos mares da Internet. Vale lembrar, embora não esteja assumido nas linhas deste estudo, o mesmo olhar semântico utilizado pela poesia de Fernando Pessoa, a saber, o exato, definido; proponho apresentar outro sentido para este debate: o necessário, imperioso; entendendo que o tempo presente deixa uma herança: o suporte digital, que merece ser discutido, sobretudo, nos territórios das Ciências Humanas. Assim, trata-se de uma necessidade

---

<sup>1</sup> SIMÕES, Robson Fonseca. Tese. *Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut* [Tese de doutorado em Educação]. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

poder estar atento a essa materialidade.

Vejo-me como um navegador nessa “odisseia” do espaço virtual, na qual as escritas virtuais estão dispersas, esparsas, em trânsito, à espera de leitores navegadores. Chartier (1999) sugere que a leitura da revolução digital se apresenta de forma fragmentada, em um mundo onde cada texto é pensado como uma unidade separada de informação. Essa forma de leitura se reflete na relação com as obras, já que o livro impresso oferece ao leitor percepção de totalidade, coerência e identidade, o que não ocorre na tela. Nesse sentido, navegar na Internet é uma nova caracterização do escritor/leitor diante do advento do hipertexto eletrônico, sujeito a intempéries.

Enquanto se navega nesse universo virtual, o que é possível encontrar? Águas turbulentas, ventos fortes, variações nas condições atmosféricas, correntes imprevistas, catástrofes, também excesso de informações, documentários, jornais, revistas, blogs, Twitter, Facebook, MySpace<sup>2</sup>, lojas virtuais, enfim, inúmeras possibilidades para o navegador do espaço virtual. O boletim meteorológico informa que o mar está tranquilo. Vamos navegar nesse oceano digital?

O tempo das tecnologias digitais revolucionou os olhares e as atenções dos sujeitos na história da leitura/escrita. Assim, é possível entender que novas emoções se tornaram presentes junto à tela do computador, resignificando as funções e relações do usuário com os textos na Internet. Nessa acepção, o navegador poderá se lançar à navegação de longo curso entre arquipélagos textuais, sem margens nem limites (CHARTIER, 2003) e assim concentrar sua sensibilidade na próxima jornada virtual.

Embora não seja uma fonte perene, na qual as palavras descansam e podem ser evocadas sempre que alguém lê ou abre suas páginas, o universo da web também oferece registros. Como lidar com essas fontes efêmeras? Parece que essas escritas, à deriva no oceano da Internet, nascem com a seguinte vocação: durarem pouco, serem flutuantes, transitivas.

Uma sugestão de leitura na temática está na Revista FAEEBA<sup>3</sup>, ajudando-nos a refletir que essas escritas também estão à disposição para as pesquisas, mesmo residindo num suporte que tem a vocação de durar pouco tempo. Aliás, nas tensões entre estar e permanecer na internet, estão em jogo as fronteiras de um mundo líquido (Bauman, 2001); nesse sentido, quem sabe, tal conceito seja

---

<sup>2</sup> MySpace é um serviço de rede social que utiliza a Internet para comunicação on-line através de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Foi criada em 2003. Inclui um sistema interno de e-mail, fóruns e grupos. Disponível em: <<http://myspace.com.br>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

<sup>3</sup>SIMÕES, Robson Fonseca. *Memórias digitais: escritas de si nas comunidades escolares do Orkut*. Disponível em: <<http://www.uneb.br/revistadafaeeba>> Acesso em 19/02/2015.

o cerne para se pensar a complexidade (Morin, 2000) na qual deve ser observado o perfil do sujeito:

A complexidade nos convoca para uma verdadeira reforma do pensamento, semelhante à produzida no passado pelo paradigma copernicano. Mas essa nova abordagem e compreensão do mundo, de um mundo que se "autoproduz", confere também um novo sentido à ação: trata-se de fazer nossas apostas, o que vale dizer que com a complexidade ganhamos a liberdade. (MORIN, 2000, p.49)

As escritas digitais ganham força no século XX, despertando novos olhares, novas leituras, novas discussões. É preciso estar atento a essas fontes fugazes; essas reflexões são necessárias para que os horizontes se abram, contribuindo, assim, aos estudos das escritas da internet. Quem sabe, o desafio dos sujeitos do tempo presente seja o de como poder salvaguardar essas fontes para as Ciências Humanas, sobretudo para a História da Educação, tendo em vista à obsolescência das mesmas.

Os estudos de Eco (2010) sinalizam que os suportes modernos são criados mais para a difusão do que para a conservação, endossando a questão da efemeridade das escritas do universo virtual.<sup>4</sup> Será que essa observação não é importante para se entender as práticas de linguagem no espaço virtual?

Chartier (1999) lembra que a textualidade eletrônica permite desenvolver argumentações e demonstrações segundo uma lógica não necessariamente linear nem dedutiva, mas que oferece oportunidade de ser aberta, clara e racional, graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais, ou seja, trata-se de um processo de escrita/leitura realizado no ciberespaço não determinado.

O artigo "O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula", de Marcuschi (2001),<sup>5</sup> destaca que as principais características do hipertexto são: não linearidade, ou seja, flexibilidade de navegação; volatilidade, ou as escolhas dos usuários são passageiras; topografia, que é a falta de limites espaciais de escritura definidos; fragmentariedade, isto é, constantes ligações com possíveis retornos ou fugas dos pontos iniciais; acessibilidade, que significa poder buscar informações em *sites* ou em fontes, das mais variadas possíveis; multissêmico, o fim da linguagem apenas alfabética, podendo-se trabalhar simultânea e

---

<sup>4</sup> ECO, Umberto. *Sobre a efemeridade das mídias*. 26/04/2009. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/blogs-colunas/colunas-do-new-york-times/umberto-eco>> tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves.

<sup>5</sup> MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/hipertexto\\_como\\_novo\\_espaco.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/hipertexto_como_novo_espaco.pdf)> Acesso em 28/08/2015.

integradamente com a linguagem verbal e não verbal; e interatividade, que refere-se à interconexão do navegador à multiplicidade de textos e usuários.

No artigo “Oralidade e escrita”, Marcuschi (2009), instiga-nos a perceber que as diversas tendências teóricas atuais no trato da questão recusam qualquer visão simplista, adotando como posição adequada as práticas dentro de um contínuo de usos e gêneros textuais, negando propriedades intrínsecas, positivas ou negativas, imanentes à oralidade ou à escrita.<sup>6</sup>

Por sua vez, Nicolaci-da-Costa (2006)<sup>7</sup> observa que a revolução digital, com o surgimento do hipertexto, ou seja, um texto não linear, não sequencial e repleto de links que remetem a outros textos, inaugura a possibilidade de diálogo entre escritores e leitores. Ora, o hipertexto é o grande personagem propiciador de mudanças nas práticas de escrita/leitura, permitindo supor uma nova caracterização do escritor/leitor diante do mar da web.

As reflexões de Freitas (2005)<sup>8</sup> ajudam a refletir como o hipertexto digital favorece o diálogo entre textos e pessoas. Seu debate sublinha que adolescentes transitam pelo espaço cibernético, reelaborando vivências próprias de seu cotidiano a partir de práticas discursivas que ali produzem, propiciando, por meio da leitura/escrita digital, novas formas de interação e possibilidades para a constituição de sua subjetividade.

Nos mergulhos sucessivos nos oceanos da Internet, o que chama atenção é perceber que essas escritas podem representar um valor cultural e simbólico, remetendo-nos a Certeau (1982), no modo de proceder da criatividade cotidiana. Esses sujeitos têm a seu favor novas demandas socioculturais, colocam em ação outras formas de ser e estar no mundo. No processo de escritas coletivas, múltiplas, polifônicas, o usuário pode digitar nos hipertextos, acumulando experiências e laços sociais, almejando estar nesse universo virtual.

Nas viagens pelos oceanos da web, é possível perceber que as escritas são múltiplas, e registradas no momento presente de maneiras muito diferentes, em processos de apropriação e/ou rejeição, sobretudo nas redes sociais. Nesse sentido, nos *posts* existem disputas, e um trabalho de elaboração na publicização, mesmo que esta dimensão não se concretize como publicização; é nesse sentido que Sibilia (2009),<sup>9</sup> apresenta a ideia sobre práticas que se

---

<sup>6</sup>MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e Escrita*. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7396>> Acesso em 19/02/2015.

<sup>7</sup> NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Cabeças Digitais: O cotidiano na era da informação*. Disponível em <<http://gips.usuarios.rdc.puc-rio.br/cabecasdigitais.pdf>> Acesso em 19/02/2015.

<sup>8</sup> FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Sites construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita e subjetivação*. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a07v2565>> Acesso em 19/02/2015.

<sup>9</sup>SIBILIA, Paula. *O espetáculo do eu*. Disponível em:

espalham na Internet: “Alguém que cotidianamente faz de sua intimidade um espetáculo destinado a milhões de olhos curiosos de todo planeta; esse personagem se chama *eu*, e deseja fazer de si mesmo um show”.

Lejeune (2008) propõe uma ampliação, em termos históricos, dos trabalhos com os discursos digitais ao considerar que, atualmente, graças à tecnologia, as escritas e testemunhos de si apresentam-se na Internet em novas formas. É possível observar, assim, que as escrituras do *eu* nos diários, correspondências e blogs vêm se destacando como fontes para investigação. Esse gênero possibilita um ângulo privilegiado para a percepção dos microfundamentos sociais nas escritas de si. O trecho de Lispector (1980, p. 86) pode instigar produção de sentidos das escritas digitais do ambiente virtual: “Cada palavra é uma ideia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento”.

### **O que é autoria no universo digital?**

Quem sabe uma das questões fundamentais para pensar a edição e a leitura seja a do processo pelo qual diferentes autores envolvidos com a publicação dão sentido a seus textos transmitidos e lidos? Os textos não existem fora dos suportes materiais de que são veículos, sejam eles quais forem. As formas da leitura, audição ou visão participam da construção de seus significados. Assim, Chartier (2002), conselho de leitura número oito,<sup>10</sup> convida o leitor a refletir sobre as novas modalidades de composição dos escritos.

Ainda interpretando a importância de trazer para o debate as escritas do universo virtual, Chartier (1999, p. 126) destaca: “Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho muito antigo da humanidade, que pode ser resumido em duas palavras: universalidade e interatividade”. Nesse sentido, pode-se supor uma nova caracterização do autor diante do advento do hipertexto eletrônico:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, essa liberdade do autor que desloca e subverte aquilo que o livro

---

<[http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/o\\_espetaculo\\_do\\_eu.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/o_espetaculo_do_eu.html)> Acesso em 28/08/2015.

<sup>10</sup> CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Disponível em <<http://ir.nmu.org.ua/bitstream/handle/123456789/119077/6cc9556fe7a02d69025a50fea8a91b96.pdf?sequence=1>> Acesso em 28/08/2015.

lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (*Ibid.*, p. 236)

Barthes (1999) apresenta a ideia do autor como sujeito social e historicamente constituído, e o vê como um produto do ato de escrever. Nessa acepção, o hipertexto vai ao encontro das postulações de Barthes, quando liberta a escrita da possível tirania do autor, pela facilidade que oferece a cada interlocutor de adicionar, alterar ou simplesmente editar outro texto. Chartier (1999, p. 71) acena um possível caminho para entender os autores diante da textualidade no *universo* digital, quando essas escritas tomam uma multiplicidade de formas, cada vez mais difíceis de apreender:

Todos os processos modernos sobre a propriedade literária, em particular, em torno da noção de imitação, de plágio, de empréstimo, já estão ligados a esta dupla questão: a dos critérios que caracterizam a obra independentemente de suas diferentes materializações e a de sua identidade específica. A distinção entre a obra e o conjunto das materialidades, das formas por meio das quais ela pode ser vista ou ouvida, designa ela própria o lugar de uma questão ao mesmo tempo jurídica e estética que é preciso aprofundar.[...] Para o autor, assim como para o leitor, as propriedades específicas, os dispositivos materiais, técnicos ou culturais que comandam a produção de um livro ou a sua recepção, de um *CD-rom*, de um filme, permanecem diferentes, porque eles derivam de modos de percepção, de hábitos culturais, de técnicas de conhecimentos diferentes. A obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, a cada vez, um outro significado. [...] Talvez os autores da era da mídia, um pouco como o autor do teatro, sejam governados, não mais pela tirania das formas do objeto-livro tradicional, mas, no próprio processo da criação, pela pluralidade das formas de apresentação do texto permitida pelo suporte eletrônico.

Com o incremento dessas tecnologias da informação, abre-se um leque de possibilidades para refletir sobre técnicas utilizadas pelos usuários das redes sociais ao criarem seus espaços de interlocução, como declara Lévy (1999, p. 86): “os dispositivos informativos penetram e se entrecruzam no mais íntimo do sujeito”.

Mediados pela cibercultura, os autores estabeleceram e ainda inventam novas estratégias de autoria, pensando, sobretudo, nas formas de relação que o usuário tem com o outro, ao preservar seu anonimato. Mas o que é a cibercultura? Para tentar responder essa questão, remeto-me a Lévy (1999, p. 142):

é o novo meio de comunicação; surge da interconexão mundial dos computadores; o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo cibercultura, ele especifica como um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, ou seja, o espaço virtual para a comunicação disposto pela tecnologia.

Um olhar retrospectivo ajuda a compreender quais são os significados e efeitos das rupturas que implicam os usos das novas modalidades de composição, difusão e apropriação das escritas. Assim, Chartier (2002) convida o leitor a um passeio literário na obra de Cervantes (1998). Em uma cena do romance, *Dom Quixote* observa homens fazendo tiragem, emendas, compondo, paginando, enfim, produzindo um livro. O cuidado conferido por Cervantes aos processos pelos quais um texto se torna livro pode trazer à tona diferentes maneiras de escrever um discurso. Entender o fato exige, de um lado, a formação de leitores ou de espectadores como membros de diferentes comunidades interpretativas que partilham as mesmas habilidades, códigos, hábitos e práticas, e de outro, a caracterização dos efeitos produzidos nos textos por suas diferentes formas de publicação e transmissão. É nesse sentido que é possível observar os vários textos que circulam na web.

Dois fatos importantes são reconhecidos por Lévy (1999): o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes das propostas pelas mídias clássicas; depois, a abertura de um novo espaço de comunicação, que pode explorar as potencialidades nos planos econômico, político, cultural e humano. Por outro lado, embora o autor assuma um olhar otimista para a cibercultura, afirma que a Internet não resolverá os problemas sociais e culturais do planeta.

Em uma entrevista, nona sugestão de leitura, Lucia Santaella (ROMÃO, 2014) nos instiga a refletir sobre a criação de uma nova linguagem humana pelo digital, que mistura o visual, verbal e sonoro. No que a autora chama de “mundo pós-humano”, a comunicação não depende mais de diferentes suportes, como o papel, a TV, o rádio, pois o ciberespaço se apropria de todas as linguagens anteriores, criando uma identidade própria e lhe dando nova configuração.

Os estudos de Thompson (1995) sobre a influência das mídias na sociedade sublinham que as interações comunicacionais eram predominantemente face a face. O autor nos ajuda a

entender o fato de que novas redes de transmissão e novos tipos de relacionamentos sociais foram sendo incorporados pela sociedade. Nesse sentido, surgem as interações mediadas, aquelas que implicam o uso de um meio técnico, como papel, fios elétricos, ondas eletrônicas etc., e interações quase mediadas, relações sociais estabelecidas pelos indivíduos com os conteúdos dos meios de comunicação como livros, jornais, rádio, televisão, e que implicam uma ampla disponibilidade de informação e conteúdo simbólico no espaço e no tempo. Se as modalidades de interação se relacionam com os diversos contextos sociais:

a apropriação das mensagens da mídia deve ser vista como um processo socialmente diferenciado que depende do conteúdo das mensagens recebidas, da elaboração discursiva das mensagens entre os receptores e dos atributos sociais dos indivíduos que as recebem. (*Ibid.*, p. 102)

Almeida e Crippa (2009) consideram que uma possibilidade de se conceber a mediação é considerá-la como produto resultante da ação dos meios de comunicação e informação. Nessa concepção, é possível apreender que os indivíduos não são informados exclusivamente por meio da comunicação intencional, mas pelo contato com uma grande variedade de objetos. O que leva Buckland (1991) a considerar que a informação se constitui a partir de relações e interações com os movimentos da informação como processo e da informação como conhecimento. Se os sistemas de informação atuam como mediadores materiais, sua constituição sinaliza uma mediação humana, que muitas vezes é esquecida na discussão sobre as novas tecnologias de informação e comunicação.

Sem a pretensão de esgotar a discussão sobre os discursos na Internet, percebe-se que o exame de determinadas manifestações da escrita pode permitir o entendimento da representatividade, dos interesses sociais, das escolhas de atribuições de sentido, ou seja, saber que as particularidades das escritas têm um sentido socialmente construído. Em uma perspectiva do tempo presente enquanto categoria histórica, esses sujeitos também formam grupos distintos, com projetos e práticas diferentes. Nessa acepção, Boff (2010, p. 12) enfatiza: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”, para levantar questões, ajudando, portanto, a problematizar essas escritas que transitam no suporte digital.

As escritas digitais são portadoras de significados; unem palavras, produzem o nascimento de novos sentidos, aproximam o distante, tornam presente o ausente, alimentam os afetos, revelam dimensões da imaginação (SOARES, 2012); portanto, como em uma mágica linguística, recriam as geografias, histórias e vida dos sujeitos.



Assim, no ambiente multimídia, os hipertextos seriam as novas formas de escrita e comunicação, que expandem, ampliam e aumentam a rapidez da circulação da informação. Ossenbach Sauter e Somoza Rodriguez (2003, p. 902) afirmam: “O leitor do hipertexto está obrigado a tomar decisões próprias para estabelecer um itinerário de leitura possível e fértil para sua curiosidade, seu interesse ou suas necessidades intelectuais”.

Em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo* (2009), Martín-Barbeiro décima sugestão de leitura, apresenta uma leitura nada otimista do universo das redes sociais da Internet. O autor vê a Internet como um dos fatores de desestabilização do mundo. Para o filósofo espanhol, fala-se em rede social, mas o que isso significa?

Comunidade não é homogeneidade. Mas o que me ocorre ao usarmos o termo comunidade para esses *sites* é que nunca a sociedade moderna foi tão distinta da comunidade originária. O sentido do que entendemos por sociedade mudou. Veja os vizinhos, que eram uma forma de sobrevivência da velha comunidade na sociedade moderna. Hoje, nos apartamentos, ninguém sabe nada do outro. Outra chave: o parentesco. A família extensa sumiu. Hoje, uma família é um casal. O que temos chamado de sociedade está mudando. Creio que há pessoas nessas redes sociais virtuais que pela primeira vez em suas vidas, se sentem em sociedade. Um inglês que passa boa parte de sua vida só, em um *pub*, com sua grande cerveja, desfruta muito desse modo de vida. Nós, latinos, desfrutamos mais, estando juntos. Evidentemente a relação com as redes sociais é distinta. O *site* é real, mas a maneira como nos relacionamos, como o usamos, é muito distinta. [...] Não quero ser catastrofista, mas o tanto que a Internet nos permite ver é proporcional ao tanto que sou visto. Em quanto mais páginas entro, mais gente me vê. Hoje há tanta informação que é muito difícil saber o que é importante. [...] Há muitas coisas a repensar radicalmente. (ESSENFELDER,2009).

O artigo “O duplo perfil do Facebook” publicado por Savazoni (2011) na revista *Retrato do Brasil*<sup>11</sup>, debate as tensões vividas pelos usuários com os fenômenos das redes sociais na Internet. O texto faz referência à invenção do Facebook, uma rede social fundada por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes em fevereiro de 2004. Dialogando com os professores André Lemos, da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Giselle Beiguelman, da Universidade de São Paulo (USP); Ivana Bentes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e Sérgio Amadeu da Silveira, da Universidade Federal do ABC (UFABC), Savazoni nos instiga a pensar que um site de rede social tem três características: permite ao usuário construir um perfil; articula uma lista de amigos e conhecidos; visualiza e cruza sua lista de amigos com seus associados e outras pessoas

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/yvxZWM>>. Acesso em: 26 maio 2017.

dentro do sistema. O autor também destaca que a explosão dessas redes sociais virtuais ocorreram a partir da criação do Friendster<sup>12</sup> e, logo depois, do MySpace. No Brasil, diferentemente dos outros países, a experiência foi singular. O que o mundo vem experimentando nos últimos dois anos com o crescimento do Facebook, os brasileiros experimentaram a partir de 2004, com a explosão do Orkut.

Se, como declarado por Lévy e Lemos (2010) a rede não é o canal por onde passam coisas, como pensamos comumente, mas algo fluido, ela é a relação que se estabelece, a cada momento, entre os diversos atores, é o que agrega, faz o social:

O decisivo é que o desejo, a criação, a colaboração vêm antes e não se reduzem ao comando, transbordam os dispositivos, mesmo quando são capturados, rastreados, monetizados. Para ser mais brutal, eu diria que por enquanto precisamos também dos *Facebook's* e *Google's* para fazer a insurreição digital que será decisiva para inventarmos uma nova política para o século XXI. Pós-*Google* e pós-*Facebook*. (BENTES, 2006, p. 136)

Arrisco a pensar que as redes sociais contribuem, não se esgotam. Assim, talvez, o melhor caminho seja pensar nas redes sociais como fluidas, efêmeras, nascidas para durar pouco, como as próprias escritas virtuais.

Observa-se, dessa maneira, como as novas possibilidades oferecidas pelo texto digital, maleável e aberto às reescritas múltiplas, colocam em questão os próprios fundamentos da apropriação individual dos textos. Os hipertextos e o universo virtual nos trazem novas problemáticas, acometendo-nos a refletir sobre suas escritas e mediações editoriais.

Moraes (2004) considera ao estudar um fenômeno histórico total, não se pode deixar de lado a experiência, sentimentos e percepções dos sujeitos sociais; eles formam grupos distintos, com projetos e entendimentos diferentes acerca da realidade.<sup>13</sup> Nesse sentido, as representações sociais não são estruturas neutras, como nos lembra Chartier (1990), assim como as reflexões do artigo de Villas Bôas (2014), que também oferecem um possível ângulo de leitura sobre a temática.<sup>14</sup>

É possível pensar que essas representações sejam fruto de interesses específicos dos

---

<sup>12</sup> Friendster é uma rede social fundada em 2002 por Jonathan Abrams em Mountain View, Califórnia. Foi pioneira no gênero, que tem como exemplos mais famosos o Orkut, MySpace e o Facebook. Disponível em: <<http://frienster.com.br>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

<sup>13</sup> MORAES, Dislane Zerbinatti, “E foi proclamada a escravidão”: Stanislaw Ponte Preta e a representação satírica do golpe militar, in: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº 47, p. 61-102, 2004.

<sup>14</sup> VILLAS BÔAS, Lúcia Pintor. Representações sociais: a historicidade do psicossocial. Disponível na página <<http://http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd99=issue&dd0=475>> Acesso em 10/09/2017.

grupos sociais, disputando ora a hegemonia política, ora a discursiva, em relação à interpretação correta de uma dada situação social. Dessas representações se originam estratégias e práticas sociais. Assim, as práticas discursivas também fazem andar o carrossel das representações sociais de diferentes períodos, inclusive o escolar. Quando a discussão é a relevância dos estudos das representações sociais, as reflexões de Duby (1995, p. 130) sugerem:

Com efeito, para compreender a ordenação das sociedades humanas e para discernir as forças que as fazem evoluir, é importante dedicar igual atenção aos fenômenos mentais, cuja intervenção incontestavelmente é tão determinante quanto a dos fenômenos econômicos e demográficos. Pois não é em função de uma condição verdadeira, mas da imagem que constroem e que nunca fornece o reflexo fiel, que os homens pautam a sua conduta. Eles se esforçam para conciliá-la com os modelos de comportamento que são produto de uma cultura e que mais ou menos se ajustam, no decorrer da história, às realidades materiais.

Luz (1993) acredita que o surgimento de uma nova tecnologia acarreta o surgimento de uma nova linguagem, como, por exemplo, o cinema: “invenção científica e diversão de parque, tornou-se uma fábrica de contar histórias e uma indústria de produção de consenso”. O autor sugere que as novas tecnologias terão cada vez mais influência sobre os modos de inteligência, gestão do espaço e do tempo e sobre a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros.

Vidal (2000) destaca que os perigos e desafios das novas tecnologias estão relacionados à redução da vida útil dos materiais utilizados pelos suportes digitais. A autora nos convida a pensar que um livro abre-se sempre à leitura; o olhar atento do leitor para essa materialidade percorre suas páginas, decifrando os segredos, processando os códigos partilhados e construídos historicamente, o que parece não acontecer com os dispositivos de arquivo, como o disquete ou CD-ROM<sup>15</sup>. O fechamento de um livro não compromete em nada uma próxima investida do interlocutor; no entanto, para ter acesso novamente ao conteúdo dos arquivos, a leitura deve ser mediada por uma máquina.

De acordo com Eco (2010), o desaparecimento dos diversos suportes acarreta o desaparecimento dos computadores capazes de lê-los, e se o conteúdo não foi copiado no suporte sucessivo o que havia no anterior, perde-se irremediavelmente. Como lidar com isso? As reflexões de Vidal (2000) fazem referência a Lerner (1998, p. 203), encaminhando possíveis

---

<sup>15</sup> Segundo o dicionário on-line Michaelis, “CD-ROM” é “sigla de *Compact Disc-Read Only Memory* (disco compactado com memória somente para leitura)”, um tipo de arquivo industrializado também produzido para armazenar dados. Disponível em: <<https://goo.gl/DkeWKM>>. Acesso em: 26 maio 2017.

caminhos:

a manutenção de um quadro de especialistas que [...] se ocupem em atualizar as informações [...] e guarda, por parte das bibliotecas de versões de *hardware* e *software*, de forma a permitir que cada peça seja lida no equipamento para a qual foi produzida.

Quem sabe assim será possível gravar essas fontes efêmeras, antes que algum sistema entre em pane:

Pane no sistema, alguém me desconfigurou/ Aonde estão meus olhos de robô?/ Eu não sabia, eu não tinha percebido/ Eu sempre achei que era vivo/ Parafuso e fluido em lugar de articulação/ Até achava que aqui batia um coração/ Nada é orgânico, é tudo programado/ E eu achando que tinha me libertado/ Mas lá vem eles novamente/ E eu sei o que vão fazer: Reinstalar o sistema/ Pense, fale, compre, beba/ Leia, vote, não se esqueça/ Use, seja, ouça, diga/ Não senhor, sim senhor [...]. (LEONE, 2003)

As escritas do espaço da web estão à disposição dos navegadores, tripulantes de uma produção histórica do tempo presente, para serem decifradas, analisadas, problematizadas, do mesmo modo que outras fontes historiográficas (papéis, cadernos, diários, cartas etc.) apresentam vivas as vozes que clamam por visibilidade nos territórios virtuais. Muitos estudos vêm se debruçando nesse debate; a Educação também procura se aproximar, sinalizando que é preciso discutir esta temática também nos territórios escolares; nesse sentido, o artigo<sup>16</sup> escrito por Backes & Pavan (2014) nos convidam para essa reflexão.

Lévy (1993) apresenta de modo mais didático os diferentes momentos de transformação do sujeito em sua relação com a linguagem. No primeiro tempo, denominado tempo da oralidade primária, linguagem e memória eram dois aspectos de um mesmo fenômeno; a organização temporal da narrativa desenhava o tempo como circular. As histórias eram contadas de boca em boca, preservando uma estreita relação entre vida, linguagem e memória. O tempo se repetia na linguagem, no contar repetido das histórias. A ideia que não fosse retomada e repetida em voz alta estava condenada ao desaparecimento. Nesse sentido, o acervo cultural do homem estava na manutenção do círculo progressivo das lembranças. A invenção da escrita vai, contudo, interromper a cadeia da circularidade das narrativas orais. O segundo

---

<sup>16</sup> BACKES, José Licínio; PAVAN, Ruth. As identidades dos alunos em tempo de cultura digital: a percepção dos professores da Educação Básica. Disponível em <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/1043>> Acesso em 10/09/2017.

<sup>16</sup> Papéis, Cadernos, diários, cartas etc.

tempo, da escrita, interfere de forma decisiva no modo de conhecer. Ao escrever sua história, o homem rompe com a circularidade temporal e inaugura uma nova experiência com a temporalidade: o tempo cronológico e linear. Enquanto os homens contavam uns para os outros suas histórias, o sentido era construído no diálogo. A escrita vai, portanto, marcar a primeira cisão do homem com as memórias: a memória natural vai sendo substituída pela memória artificial. O terceiro tempo é o tempo da informática, ou seja, tempo da digitalização e condensação da experiência humana em *chips*, imagens, impulsos eletrônicos etc.

Apesar da possível complexidade que envolve a questão, não é raro deparar com as várias reflexões de escrita, dependendo do ponto de vista do pesquisador: produto sócio-histórico-cultural, em diversos suportes e demandando diferentes modos de leitura (CHARTIER, 2003); atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimentos e o uso de várias estratégias no curso da produção do texto (TORRANCE; GALBRART, 2006); representação do pensamento de um sujeito psicológico, individual, controlador de sua vontade e ações (KOCH, 2010); produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1997), assim como as reflexões de Ducrot (1984), nas quais sinalizam que o locutor responsável pelo conteúdo mobiliza uma série de enunciadores, o que pode nos remeter ao texto<sup>17</sup> de Gomes (2016), outra possível leitura sobre a temática intitulada polifonia.

Na concepção interacional ou dialógica da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve, são vistos como atores sociais, sujeitos ativos que se constroem e são construídos no texto virtual. Logo, o sentido da escrita nessas redes sociais é um produto dessa interação de memórias postadas, não um resultado apenas do uso dos códigos normativos e/ou não normativos. Numa interação de escrita assentada na interação, o sentido é um constructo (KOCH, 2010). Assim, os enunciados produzidos nas comunidades escolares podem constituir um novo gênero discursivo, pois apresentam os três elementos – conteúdo, estilo verbal e construção composicional – nos quais “fundem-se indissolivelmente no enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação [...] sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1999, p. 279).

Para Bakhtin (1999), o que determina a palavra é o que ela procede de alguém e se dirige para alguém; nessa acepção, indico outra leitura para a temática que procura dialogar com a

---

<sup>17</sup> GOMES, Neiva Maria Tebaldi. Argumentação linguística, enunciação e polifonia. Disponível na página <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/21557>> Acesso em 10/09/2017.

filosofia da cultura, que está no artigo de Faraco (2017).<sup>18</sup> No entanto, essa orientação para o outro subentende que se leve também em consideração uma interação social que permeia a relação entre os interlocutores em dada esfera da comunicação verbal. Nesse sentido, o discurso nasce, portanto, de uma situação pragmática (FIORIN, 2008) e está intimamente conectado a essa situação que o engendrou, por isso não pode dissociar-se do social, sob pena de perder sua significação.

A competência linguística do sujeito propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas: “não contamos piada em velório, nem cantamos o hino do nosso time de futebol em uma conferência acadêmica, nem fazemos preleções em mesa de bar” (KOCH, 2010, p. 54). Nessa acepção, é essa competência que possibilita aos sujeitos de uma interação não só diferenciar os diversos gêneros linguísticos, isto é, saber se estão diante de um horóscopo, bilhete, diário, poema, anedota, aula, conversa telefônica etc., como também identificar as práticas sociais que os solicitam. Nos territórios da Educação, a questão do letramento vem chamando a atenção de vários pesquisadores, o que pode nos aproximar das reflexões de vários estudiosos com possíveis textos num diálogo com a vida; nesse sentido, destaco outra sugestão de leitura para este debate, no artigo de Correia (2016).<sup>19</sup>

Partindo da concepção bakhtiniana da qual os gêneros são enunciados relativamente estáveis, em cuja constituição entram em cena elementos referentes aos conteúdos, composição e estilo; refletindo sob as lentes dos estudos linguísticos de Marcuschi (2004) nos quais afirmam que é impossível pensar em comunicação a não ser por meio de gêneros textuais, entendidos como práticas socialmente constituídas com propósito comunicacional configuradas concretamente em textos; e baseado no que defende Koch (2010) sobre a competência linguística dos falantes da língua, que lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem em diversas práticas sociais, talvez, seja possível afirmar que os gêneros discursivos são vários, assim como são diversas e inesgotáveis as práticas sociais da atividade humana.

À medida que essas práticas se tornam mais complexas, num processo de evolução, os gêneros dos discursos vão sendo incorporados por outros, passando por uma nova reestruturação (FREITAS, 2005). Nesse sentido, quem sabe, ser possível afirmar que essas novas escritas, diferentemente de esgotarem todas

---

<sup>18</sup> FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e filosofia. Disponível na página <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/31815>> Acesso em 10/09/2017.

<sup>19</sup> CORREIA, Karoliny. Projetos de Letramento no Ensino Médio: novas perspectivas e desafios. Disponível na página <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaorealidade/article/view/53625>> Acesso em 10/09/2017.

as possibilidades de gêneros discursivos, possam ampliar a discussão sobre as tipologias textuais, mais especificamente, uma estrutura composicional do gênero discursivo internético, oferecendo como fortuna linguística, que são produzidas por esses usuários nesse novo suporte textual. Um convite para esta discussão está nas linhas do artigo escrito por Maingueneau (2016).<sup>20</sup>

Talvez, da mesma maneira que os velhos lobos do mar, tripulantes que se aventuram pelos cruzeiros marítimos, seja num transatlântico, num cargueiro, numa nau ou em qualquer embarcação que ouse singrar os oceanos, cruzar os mares, procurem adaptar suas habilidades e experiências nas novas investidas no mar, os sujeitos procuram integrar as suas narrativas às novas práticas cotidianas de escrita na web, utilizando a telinha como o outro possível suporte para comunicação. Os estudos de (CHARTIER, 2003, p. 145) acenam: “esses textos são também imagens, no sentido de que têm uma forma específica[...]; a forma dos textos tem importância para o seu deciframento, para a sua inteligibilidade e a sua compreensão”.

Ao retornar dessa viagem pelo oceano da web, no porto, em terra firme, este navegante pesquisador entende que essas práticas de escrita podem servir para outros olhares de investigações. Se essas redes virtuais também são feitas de produções e tensões que nos permitem elaborar e partilhar sentidos, talvez ali mesmo, na fluidez e na intensidade dos fluxos, nos borramentos das fronteiras virtuais, seja possível observar textos, histórias; mesmo construídas em trânsito e em processo, quem sabe, essas escritas possam se fortalecer. Resta o desafio de não deixarem desmoroná-las, como os castelos de areia são desmoronados com os ventos do deserto, mas deixar se fortalecerem, mesmo no universo efêmero, no imperativo da conexão, sob os olhares dos usuários do universo digital.

Mas quem disse que isso é o fim? Se a efemeridade habita os suportes virtuais, certamente, amanhã outras linguagens estarão franqueadas à visita dos pesquisadores das Ciências Humanas.

---

<sup>20</sup> MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web? Disponível na página <[http://www http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/50230](http://www.revistas.ufpr.br/abralin/article/view/50230)> Acesso em 10/09/2017.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A.; CRIPPA, G. Informação, cultura e tecnologia: novas mediações para a produção e o consumo cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Ancib, 2009. Disponível em: <<http://www.dci.ccsa.ufpb/xenancib>>. Acesso em: 16 ago. 2011.
- BACKES, José Licínio; PAVAN, Ruth. As identidades dos alunos em tempo de cultura digital: a percepção dos professores da Educação Básica. Disponível em <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/1043>> Acesso em 10/09/2017.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. New York: Longman, 1997.
- BENTES, I. Entre-tempo, entretenimento e comunicação. In: KAMEL, J. A. N. (Org.). *Engenharia do Entretenimento: meu vício, minha virtude*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006. p. 88-86.
- BOFF, L. *A águia e a galinha*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- BRASIL, U. 'Eletrônicos duram dez anos; livros, dez séculos', diz Umberto Eco. *Estado de São Paulo*, 13 mar. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/b9aaeC>>. Acesso em: 10 mar. 2010.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, Hoboken, v. 42, n. 5, p. 311-388, 1991. Disponível em: <<https://goo.gl/Hb9nM5>>. Acesso em: 19 maio 2017.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999. \_\_\_\_\_ *Formas do sentido: cultura escrita – entre distinção e apropriação*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.
- CERVANTES, M. *Don Quixote de La Mancha*. Barcelona: Instituto Cervantes, 1998.
- CORREIA, Karoliny. Projetos de Letramento no Ensino Médio: novas perspectivas e desafios. Disponível na página <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/53625>> Acesso em 10/09/2017
- DUBY, M. História social e ideologias das sociedades. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 130-145.



- ECO, U. Sobre a efemeridade das mídias. *UOL Notícias*, 26 de abr. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/JtdjpQ>>. Acesso em: 19 maio 2017.
- ESSENFELDER, R. Comunidades falsificadas. Entrevista com Martin-Barbero. *Folha de São Paulo*, 23 ago. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/qdILTB>>. Acesso em: 18 fev. 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e filosofia. Disponível na página <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/31815>> Acesso em 10/09/2017
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FREITAS, M. T. A. *Leitura e escrita de adolescentes na Internet e escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- \_\_\_\_\_. Sites construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita e subjetivação. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 25, n. 65, p. 87-101, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/0iPGOK>>. Acesso em: 19 fev. 2015.
- KOCH, I. V. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.
- GOMES, Neiva Maria Tebaldi. Argumentação linguística, enunciação e polifonia. Disponível na página <[http:// http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/21557](http://http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/21557)> Acesso em 10/09/2017.
- GREENHALGH, L. A face humana da sociologia. *Estado de São Paulo*, 30 abr. 2011. Disponível em <<https://goo.gl/QQQgVI>>. Acesso em: 30 set. 2011.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LERNER, F. *The story of libraries*. New York: Continuum, 1998.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, P.; LEMOS, A. *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.
- LEONE, P. Admirável chip novo. In: PITY. *Admirável Chip Novo*. São Paulo: Deckdisc Brasil, 2003. 1 CD. Faixa 2.
- LISPECTOR, C. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1960.
- LUZ, R. Novas imagens: efeitos e modelos. In: PARENTE, A. (Org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1993. p. 49-55.
- MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web? Disponível na página <<http://www http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/50230>> Acesso em 10/09/2017.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- \_\_\_\_\_. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem e Ensino*, Recife, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/2ogH51>>. Acesso em: 28

ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Oralidade e escrita. *Signótica*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 1997. Disponível em: <<https://goo.gl/r54Y2t>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

MORAES, D. Z. E foi proclamada a escravidão: Stanislaw Ponte Preta e a representação satírica do golpe militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 61-102, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/mK4Ga2>>. Acesso em: 19 maio 2017.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (Org.). *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/31jPTu>>. Acesso em: 26 maio 2017.

OSSENBACH SAUTER, G.; SOMOZA RODRIGUEZ, M. Internet y museos pedagógicos”. In: LÉON, R. et al. (Orgs.). *Etnohistoria de la escuela: XII Coloquio Nacional de Historia de la Educación*. Burgos: Sedhe, 2003. p. 195-203.

SIMÕES, Robson Fonseca. *Memórias digitais: escritas de si nas comunidades escolares do Orkut*. Disponível em <<http://www.uneb.br/revistadafaeaba>> Acesso em 19/02/2015.

ROMÃO, L. Lucia Santaella: as novas linguagens e a educação. *Plataforma do Letramento*, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/5bdzgk>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

SAVAZONI, R. O duplo perfil do Facebook. *Retrato do Brasil*, São Paulo, n. 44, 2011.

SIBILIA, P. O espetáculo do eu. *Mente Cérebro*, São Paulo, fev. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/Zdf01M>>. Acesso em: 26 maio 2017.

SOARES, C. L. Sobre a palavra e a escrita. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Educação e cultura audiovisual: ressonâncias*. São Paulo: Moderna, 2012. p. 5-10.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TORRANCE, M.; GALBRAITH, D. The processing demands of writing. In: MACARTHUR, C.; GRAHAM, S.; FITZGERALD, J. (Eds.). *Handbook of writing research*. New York: The Guilford Press, 2006. p. 67-80.

VIDAL, D. G. Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental. In: FARIA FILHO, L. M. de (Org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 31-44.

VILLAS BÔAS, Lúcia Pintor. Representações sociais: a historicidade do psicossocial. Disponível na página <[http:// http:// http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd99=issue&dd0=475](http://http://http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd99=issue&dd0=475)> Acesso em 10/09/2017.